



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 2/2016
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2016**

“Nos termos do art.º 56.º do anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2016

LOCAL - Pequeno Auditório do Centro de Artes e Espetáculos-----

DATA -25 de abril de 2016-----

INICIO - dez horas e trinta minutos-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - José Duarte Pereira..... PS

1º SECRETÁRIO - Adelino da Costa Pinto..... PS

2ª SECRETÁRIA - Mafalda Sofia Mendes Azenha Paiva..... PS

MEMBROS - Mário João Menezes Paiva PS

Ana Elisabete Laborda Oliveira SOMOS FIGUEIRA

Ana Margarida Pinto da Cunha PS

Teotónio Paulo de Jesus Cavaco SOMOS FIGUEIRA

Francisco Nuno Costa de Melo Biscaia PS

Fausto Fernando Santos Loureiro PS

Vânia Isabel Duarte Batista SOMOS FIGUEIRA

Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz CDU

Luís Manuel Mendes Ribeiro PS

Carlos Manuel da Silva Rabadão SOMOS FIGUEIRA

Ana Raquel Mendes Correia..... PS

Maria Isabel Gaspar Ferreira de Sousa SOMOS FIGUEIRA

João Filipe Carronda da Silva Antunes PS

José Augusto Fernandes Mateus PS

Natália Jerónimo Pires SOMOS FIGUEIRA

Maria Adelaide Gaspar Gonçalves CDU

Maria Isabel Cardoso Guardão Tavares PS

Manuel da Silva Caiano PS

João Paulo Águas Tomé Ferreira dos Santos BE

Mário Alberto Gomes Oliveira..... CDU

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Bugalho da Silva PS

(Alqueidão) Luís Miguel Martins Bento PS

(Bom Sucesso) Mário Fajardo Acúrcio INDEPENDENTE

(Buarcos) José Manuel Matias Tavares PS

(Ferreira-a-Nova) Susana Maria Rodrigues Oliveira Monteiro PS

(Maiorca) Filipe Humberto Mateus Dias SOMOS FIGUEIRA

(Marinha das Ondas) Manuel da Conceição Rodrigues Nada PS



(Moinhos da Gândara) José Augusto Simões de Oliveira SOMOS FIGUEIRA
(Paião) João Paulo Gonçalves Pinto PS
(Quiaios) Maria Fernanda Marques Lorigo PS
(São Pedro) António Manuel dos Santos Salgueiro PS
(Tavarede) Fernando Manuel Neves Rodrigues. PS
(Vila Verde) Vítor Manuel Gonçalves Alemão PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

SUBSTITUIÇÕES

Vítor Frederico da Silva Figueiredo Pais por Nuno Miguel Garcia Carvalho, Fernando Miguel Gonçalves Pereira por Manuel da Silva Caiano, Paulo Manuel Querido Rodrigues por José Augusto Simões de Oliveira, Victor Manuel dos Santos Madaleno por Fernando Manuel Neves Rodrigues.

JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Vítor Frederico da Silva Figueiredo Pais, Nuno Miguel Garcia Carvalho, José Manuel Pereira da Costa, João Gomes Lopes, Mário da Silva Esteves, Fernando Miguel Gonçalves Pereira, José Elísio Ferreira de Oliveira, Paulo Manuel Querido Rodrigues e Victor Manuel dos Santos Madaleno.

As cerimónias iniciaram-se nas Abadias em frente ao Centro de Artes e Espetáculos, com o Hastear da Bandeira Nacional, sendo a guarda de honra prestada pelos Bombeiros Municipais e Voluntários da Figueira da Foz, e o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense.-----

De seguida, as pessoas deslocaram-se para o pequeno Auditório do Centro de Artes e Espetáculos, onde decorreu a Sessão Extraordinária comemorativa do 42.º aniversário do 25 de Abril.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. João Ataíde, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Dr. Joaquim Barros de Sousa, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Representantes do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Boa União Alhadense, Maestrina e jovens elementos do Coro das Pequenas Vozes da Figueira da Foz e Maestro e Senhores elementos do Coral David de Sousa, que teremos o prazer de ouvir no final desta sessão solene, Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz



Comemorativa do quadragésimo segundo Aniversário da Revolução do 25 de Abril.”-- Logo a seguir a Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense, dirigida pelo seu Maestro António Faim, tocou o Hino Nacional.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao orador convidado, Joaquim Manuel Barros de Sousa.”-----

JOAQUIM BARROS SOUSA: “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Caros Concidadãos.-----

Antes de mais quero agradecer a V. Ex.^a o convite que me dirigiu, após indicação do Partido Social Democrata, para usar da palavra nesta sessão comemorativa do quadragésimo segundo aniversário da evolução do 25 de Abril. Convite este que não podia recusar, para mais tendo sido um dos raros participantes civis no movimento que derrubou a Ditadura.-----

Recordo, com emoção, essa noite de 24 para 25 de Abril de há 42 anos, em que quatro figueirenses, avisados antecipadamente da eclosão do movimento militar, desempenharam missões de vigilância e informação para as Forças Armadas, nas estradas entre Aveiro, Viseu e Figueira da Foz, por onde passariam as colunas que convergiram para a nossa Cidade.-----

Permitam-me que em primeiro lugar saúde os meus companheiros dessa noite inesquecível, José Baldaia, Mário Ribeiro e José Manuel Luciano Paulo, este infelizmente já desaparecido do nosso convívio.-----

Mas também não posso nem devo esquecer, neste Dia da Liberdade, o papel fundamental que ao longo de muitos anos desempenharam, com coragem, sacrifício e persistência, os opositoristas ao chamado Estado Novo, invocando aqui as figuras de alguns grandes democratas figueirenses, como Cristina Torres, José Rafael Sampaio, José Ribeiro, e já na minha geração, o inesquecível amigo Cerqueira da Rocha, que há data do 25 de Abril era o principal rosto das atividades, umas toleradas, outras clandestinas, que a oposição democrática ia prosseguindo na Figueira da Foz.-----

Após treze anos de guerra em três frentes, no dia a dia do país eram notórios os sinais de descontentamento das Forças Armadas, que viam sucessivamente adiadas soluções políticas para os conflitos, com Portugal cada vez mais isolado na comunidade internacional. Daí, a inevitabilidade do Golpe de Estado de 25 de Abril.-----

Corrigidos os excessos dos primeiros tempos de liberdade, para o que nunca será de mais salientar o decisivo contributo do General Ramalho Eanes, tornou-se



finalmente possível viver uma Democracia que pouco a pouco se foi consolidando. - Podemos hoje avaliar, pela perspectiva de alguma distância ainda não histórica, em que medidas foram cumpridos os objetivos anunciados para o 25 de Abril, os célebres três Dês, Descolonizar, Desenvolver e Democratizar.-----

A descolonização não foi conseguida da melhor forma, originando prolongadas guerras civis, cujas consequências ainda perduram. Feita fora de prazos históricos e num contexto mundial de dois blocos em confronto, é, no entanto, difícil imaginar que pudesse ter sido muito melhor conseguida.-----

O desenvolvimento é uma realidade indesmentível, sobretudo a partir da nossa adesão à Comunidade Europeia, da qual o grande obreiro foi, sem dúvida, o Dr. Mário Soares. Mas, não devemos esquecer, e vê-se que neste país há quem tenha memória curta, que já fomos conduzidos por três vezes a pedidos de assistência financeira.-----

Só o D de Democratizar se pode considerar plenamente conseguido. O nosso sistema eleitoral tem funcionado sem grandes distorções, proporcionando a alternância na governação. A separação de poderes é um facto e em todas as situações o país tem respeitado os seus compromissos internacionais sufragados, aliás, por uma esmagadora maioria dos eleitores.-----

Nesta época de profundas transformações tecnológicas e civilizacionais espera-se da mais nova geração de portugueses, melhor preparada do que os atuais detentores de responsabilidades políticas, a correção dos erros e desvios que ainda persistem, sem deixar subverter os valores fundamentais da democracia.----

Porque é importante afirmar que os ideais do 25 de Abril não têm proprietários. - VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Carlos Cachulo e Costa."-----

CORONEL CARLOS CACHULO E COSTA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Autoridades Civis, Militares e Religiosas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

A mensagem que vou ler é a da Associação 25 de Abril, com a qual me identifico. - Comemoramos os 42 anos que passaram sobre a radiosa madrugada de Abril, que nos abriu as portas ao sonho de uma sociedade livre, justa e solidária.-----

Sem hesitações, podemos afirmar que valeu a pena todo o esforço, todos os riscos que os militares de Abril colocaram nessa inolvidável epopeia coletiva em que se



envolveram, sem pedir nada em troca. Em termos pessoais, os militares apenas esperavam o reconhecimento do dever cumprido ao serviço da Pátria, desejando sair da direção do processo de transição assim que estivessem asseguradas as condições necessárias.-----

E, face à atitude que o povo português então assumiu, podemos mesmo afirmar que o 25 de Abril resultou não só da ação dos militares mas também de um imenso mar de pessoas que, em boa hora, decidiram tomar essa Revolução nas suas próprias mãos.-----

Estes 42 anos permitiram, com efeito, às portuguesas e aos portugueses aproveitar este último elemento constituinte da nossa identidade e construir um País diferente, para melhor.-----

Muito de positivo se construiu, ainda que nem sempre de forme contínua.-----

Temos hoje um Portugal sem guerras e em Paz, livre e democrático sem ditadura, mais justo e mais solidário.-----

Mas, ao olharmos para trás, não podemos deixar de ter algum sentimento de frustração, de desencanto, de desilusão.-----

Estamos melhor, mas podíamos estar ainda muito melhor.-----

Isto porque, fruto de enormes erros cometidos nas escolhas livres que fomos fazendo, aos avanços positivos têm-se sucedido recuos altamente negativos, que chegaram mesmo a por em risco tudo o que de positivo Abril nos trouxe e permitiu alcançar.-----

Com efeito, lembremos que o governo que em boa hora terminou o seu mandato, baseado no logro e na mistificação, no não cumprimento das promessas que tornaram possível a sua eleição, delapidou, alienando, vetores estratégicos da economia nacional, empobreceu o país, agravou a precaridade do emprego, reduziu os apoios sociais, o serviço nacional de saúde, o ensino e introduziu na nossa vivência coletiva fatores de divisão, de conflito. Cerceou os horizontes da juventude, subtraiu rendimentos a vastos sectores do nosso tecido social, nomeadamente os reformados e pensionistas, encurtando os seus horizontes e comprometendo a sua subsistência.-----

Há um ano, reforçando aliás o que vínhamos afirmando há muito, alertávamos para o perigo da destruição de Abril e para a necessidade de reagrupar forças para combater os seus inimigos, internos e externos, e impor a mudança de rumo.-----

Foi à volta da Constituição da República Portuguesa, referência maior da Revolução dos Cravos, que nos unimos para garantir essa mudança.-----



Fizemo-lo praticando a Democracia que a Constituição nos permite, e até exige, e com essa ação, o povo português conseguiu pôr cobro ao período negro que atravessávamos e que vinha pondo em risco tudo o que cheirava a Abril!-----
Hoje, sentimo-nos mais aliviados.-----
Temos um governo resultante de uma aliança das forças políticas que se reclamam dos valores de Abril.-----
Temos um Presidente da República que, pelas suas declarações públicas, manifestou formalmente assumir o cumprimento da Constituição como norma da sua ação.-----
Satisfeitos por vermos em prática as soluções globais que defendemos, libertos do pesadelo que constituiu a ação dos detentores do poder nos últimos tempos - seja o Presidente da República seja o executivo - fazemos votos para que esta solução frutifique e nos permita recuperar os valores de Abril, aprofundar a Liberdade e a Democracia e com elas avançar numa maior justiça social, tão mal tratada nos tempos da escuridão com que acabámos há pouco.-----
Portugal não está isolado. Faz parte de uma comunidade, a europeia, que atravessa também tempos muito conturbados, mas apresenta sinais de alterações políticas, indo ao encontro da insatisfação dos cidadãos, da moralização da atividade financeira e da necessidade de lançar a economia em bases mais justas. Confiamos que seremos capazes de ajudar a alterar a política europeia, que recupere o projeto solidário e fraterno dos fundadores da União Europeia.-----
Com isso, confiamos que voltaremos a ter um Portugal onde os seus filhos tenham condições para viver e se não vejam obrigados a emigrar, situação que, nestes últimos anos, voltou a ser um drama nosso.-----
É com essa esperança, com a convicção de que só à volta dos valores de Abril conseguiremos consolidar um País Soberano baseado na dignidade da pessoa humana e na cidadania e empenhado na construção de uma sociedade livre, justa e solidária, que deixamos um enorme abraço fraternal a todas e a todos.-----
Viva o 25 de Abril!-----
Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra aos representantes do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz, Bruno Menezes e Sofia Barros."-----

BRUNO MENEZES: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, José Duarte, Senhor Presidente da Câmara, João Ataíde, Senhor Joaquim Manuel Barros de Sousa, distinto orador convidado, Senhor representante da Associação 25 de Abril,



Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores, Senhoras deputadas e Senhores deputados municipais, Senhores Presidentes de Junta e membros de Assembleias de Freguesia, Autoridades Militares e Cíveis presentes, Senhoras e Senhores Múncipes da Figueira da Foz.-----

Hoje, no dia em que se comemoram 42 anos do 25 de Abril, tenho a enorme honra de falar em representação do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz.---

O Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz representa, em si mesmo, uma das conquistas de Abril, sendo um órgão consultivo que pretende a união e a afirmação dos jovens na nossa comunidade, num espírito democrático e pluralista, que consagra o direito à diferença, visando a realização das aspirações dos Jovens do nosso Concelho no âmbito da definição de políticas de Juventude e assegurando a articulação entre os Jovens do Município e os órgãos da autarquia. O 25 de Abril encerra em si muitas histórias, contém as histórias de todos nós. Contém a história dos que viveram durante a Ditadura do Estado Novo a que o 25 de Abril de 1974 colocou um termo.-----

Enquanto Jovem, sinto-me privilegiado por ter vivido sempre no regime democrático, talvez essa «sorte», seja o que faz muitos de nós não darmos valor a esta enorme conquista.-----

Não me quero alongar, venho essencialmente hoje aqui deixar um pedido. Infelizmente, não estão presentes tantos jovens como eu gostaria e esperava, e certamente a maioria dos presentes tem jovens próximos. Por isso, peço-lhes que passem a mensagem, incentivem os jovens a serem participativos na vida social e política, incentivem os jovens a participar nas juventudes partidárias, associações juvenis ...-----

Só assim conseguiremos ter voz ativa e continuar a deixar, anos após anos, bases sólidas para a Democracia.-----

Obrigado a todos pela atenção.”-----

SOFIA BARROS: “Irei ler uma poesia de Manuel Alegre.-----

«Era um Abril de amigo Abril de trigo-----

Abril de trevo e trégua e vinho e húmus-----

Abril de novos ritmos novos rumos.-----

Era um Abril comigo Abril contigo-----

ainda só ardor e sem ardil-----

Abril sem adjetivo Abril de Abril.-----

Era um Abril na praça Abril de massas-----



era um Abril na rua Abril a rodos-----
Abril de sol que nasce para todos.-----
Abril de vinho e sonho em nossas taças-----
era um Abril de clava Abril em ato-----
em mil novecentos e setenta e quatro.-----
Era um Abril viril Abril tão bravo-----
Abril de boca a abrir-se Abril palavra-----
esse Abril em que Abril se libertava.-----
Era um Abril de clava Abril de cravo-----
Abril de mão na mão e sem fantasmas-----
esse Abril em que Abril floriu nas armas.»-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado João Paulo Tomé.-----

JOÃO PAULO TOMÉ: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhor representante da Associação 25 de Abril, Senhor Orador convidado, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Digníssimos convidados, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Tem sido um hábito anual que as intervenções que tenho apresentado nas comemorações do 25 de Abril de 1974, em nome do Bloco de Esquerda, se tenham pautado por alertas e chamadas de atenção para os perigos de desvirtuamento do Espírito e da Letra de tudo o que se disse e se escreveu à época.-----

Hoje, desejo partilhar com todos vós um sentimento novo, inovador, recheado de esperança e de fé num Portugal mais consentâneo com o 25 de Abril de 1974.---

É evidente que os tempos são outros, as condições sociais e económicas são diferentes, que ninguém pode manter-se agarrado ao passado, mas:-----

- Desde a Grécia da Antiguidade Clássica, até ao Novo Testamento do Cristianismo, que os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade têm vindo a ser construídos;-----

- Existem alguns «soluções históricos» e alguns «vómitos de morte» com a Inquisição, as Guerras Mundiais, as manipulações económicas e financeiras, etc., que têm levado a extremos inaceitáveis a exploração de diferenças religiosas, sociais e culturais que, por sua vez, têm vindo a fomentar novos tipos de agressões armadas, como no Oriente Médio e no Continente Africano;-----

- Existem também os perigos de desestabilização das conquistas sociais, económicas e culturais nas sociedades mais evoluídas e conscientes dos caminhos que podem conduzir à sustentabilidade do equilíbrio dos princípios Liberdade,



Igualdade e Fraternidade, bases essenciais da edificação de uma Sociedade de Paz e Harmonia.-----

Apesar disso tudo, em Portugal, no dealbar do ano de 2016, a vontade popular acabou por consentir a constituição de um conjunto de forças que acreditam na possibilidade de edificação de uma Sociedade de Paz e Harmonia, no caminho de dotar a totalidade dos cidadãos de Saúde, Justiça, Educação, em igualdade de oportunidades, de direitos e deveres.-----

Há, portanto, a obrigatoriedade de todos nos empenharmos na manutenção apropriada desta nossa «geringonça», para que ela consiga navegar no mar de dificuldades reais que nos rodeiam, e para que ela se vá transformando numa saudável «Nau Catrineta», que, quais palavras finais de Almeida Garrett:-----

«Tomou-o um anjo nos braços,-----

Não no deixou afogar.-----

Deu um estouro o demónio,-----

Acalmaram vento e mar;-----

E à noite a Nau Catrineta-----

Estava em terra a varar.»-----

Se todos soubermos cumprir com os nossos deveres de cidadãos conscientes e solidários, mesmo com diferenças de raça, religião, cultura, status social e até político, temos muito que saudar hoje.-----

1 - Saudar os 42 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974 e o fim de um regime autoritário e opressor que a tantas e tantos condenou ao ostracismo, à miséria, à opressão e à emigração.-----

2 - Saudar os 41 anos das eleições para a Assembleia Constituinte, naquela que foi a primeira eleição por sufrágio universal e direto, em condições democráticas em Portugal.-----

3 - Saudar os 40 anos de vigência da Constituição da República Portuguesa e o seu papel de garantia dos direitos individuais e coletivos dos cidadãos e das cidadãs portuguesas, bem como a consagração democrática das autarquias locais.--

4 - Saudar o 1.º de Maio que se aproxima, em nome do futuro que começámos a construir em Abril de 1974. O Dia Mundial do Trabalhador que será certamente assinalado por jornadas de alegria e luta, de Norte a Sul do País, para que se não deixe de trilhar o caminho da recuperação de salários e pensões e o fim da austeridade, enfrentando as imposições de todas as estruturas, internas e externas, que nos queiram impor mais desigualdade, mais pobreza. JÁ CHEGA!-----



Viva a República.-----
25 de Abril, SEMPRE!"-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Mário Alberto Oliveira.-----
MÁRIO ALBERTO OLIVEIRA: "Bom dia e os meus respeitosos cumprimentos a todos os presentes.-----
Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Senhores Vereadores, Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta e Assembleias de Freguesia, Senhores Representantes do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Corpos dos Bombeiros Voluntários e Municipais, Senhores Filarmónicos da Sociedade Boa União Alhadense, Senhores Coralistas do Coro das Pequenas Vozes da Figueira da Foz e do Coral David de Sousa, Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores. Comemorar o 25 de Abril de 1974 é honrar a memória de todos aqueles que lutaram por um Portugal Livre e Democrático.-----
Comemorar essa data gloriosa é honrar todos aqueles que sofreram as atrocidades de um regime torcionário, absolutamente insensível perante as muitas necessidades do Povo, e de costas voltadas para os mais desprotegidos da sociedade. Lembrar essa manhã de há quarenta e dois anos atrás é ainda honrar todos aqueles que foram enviados para uma guerra injusta, guerra que provocou a morte de muitos jovens ou que destruiu os seus sonhos, marcando traumáticamente os que tiveram a sorte, mesmo assim, de voltar. Nesta hora prestaremos homenagem a todos eles!-----
Celebrar Abril é ainda honrar e homenagear os valorosos militares que na noite de 24 para 25 de Abril de 1974 rumaram a Lisboa e puseram fim ao regime fascista que, durante 48 anos, atrofiou o nosso país e negou aos portugueses o usufruto dos seus direitos, liberdades e garantias. A Revolução de Abril constituiu um marco de viragem, protagonizado por esses valorosos militares que concretizaram a vontade do povo português de um País livre, socialmente emancipado, verdadeiramente independente e mais justo para os seus filhos.-----
Durante os negros 48 anos de ditadura, muitos portugueses não baixaram os braços e lutaram heroicamente contra o regime fascista, contra a guerra colonial e contra o isolamento a que Portugal era votado por outros países. Nesta luta assumiram papel de relevo os comunistas, permanentemente acossados pelos



esbirros fascistas, mas revelando sempre uma coragem indómita e um propósito inabalável.-----

Certamente alguns dos que aqui hoje assistem a esta Sessão Solene conhecem exemplos de figueirenses que lutaram resistentemente contra o regime fascista e que sofreram na pele as ignomínias perpetradas pela PIDE e pela Legião, «as linhas avançadas» do regime! Citamos, a título de exemplo, o nosso camarada Agostinho Saboga, preso, torturado pelas mais diversas e «refinadas» formas de maldade e de desrespeito pela pessoa humana, de tal modo agravando a sua débil condição de saúde que, tal como muitos outros, não chegou a ter a felicidade de assistir ao ruir do fascismo, porque a morte o ceifou primeiro!-----

Este meu pequeno silêncio, é a homenagem a todos aqueles que partiram, tal como Agostinho Saboga, e que tanto lutaram por este dia de Abril.-----

Estamos a uma semana do 40.º aniversário da Constituição da República Portuguesa e convém que todos estejam disponíveis para a defender. É que, apesar de alguns «ataques» que já sofreu, esta Lei Fundamental continua a ser o garante dos principais direitos e garantias que nos assistem, enquanto cidadãos deste País, em direção a uma sociedade mais igualitária e, portanto, mais justa.-----

Frequentemente a Constituição tem sido desrespeitada, como recentemente vivenciámos. Mas o último ato eleitoral para a Assembleia da República abriu «uma janela de esperança», janela que abusivamente a União Europeia quer fechar, numa ingerência intolerável e que deve ser combatida por todos os democratas.---

Se não fosse tão trágico, seria cómico: Então estes senhores das altas instâncias pretendem que continuemos a ser fustigados por medidas de austeridade severas, considerando, por exemplo, que é demais receber um salário mínimo de 600,00 €!!! Deveriam sentir as faces coradas de vergonha, perante os milhares de euros que recebem mensalmente e perante as suas «vidinhas» super confortáveis. Mas só pode sentir vergonha quem a tem, essa é que é a verdade nua e crua.-----

Não podemos calar a situação que se vive no nosso Concelho, pois Abril é Festa mas também Consciencialização e exercício de Cidadania: o desemprego por via do desmantelamento do tecido empresarial, os baixos salários e más condições de trabalho praticados em algumas empresas, a perda de serviços públicos essenciais, cujo exemplo mais recente é o proposto encerramento do Posto de Saúde de São Pedro, as péssimas ligações rodo e ferroviárias, dificultando a vida de muitos que precisam de se deslocar para os seus empregos fora da cidade, a não resolução do problema de assoreamento da barra, mal grado as muitas vezes



que se levantam contra esta questão, vindas dos mais variados setores. É que este problema, além de já ser responsável por uma série de mortes de pescadores que tentaram a entrada da barra, põe em perigo a viabilidade da indústria naval, ex-libris desta cidade, e já reduzida ao mínimo por força de interesses obscuros e incompreensíveis.-----

Contamos com a coragem e o empenho dos que sempre lutam e estão na linha da frente, contra as opções políticas erradas e penalizadoras das condições de vida dos Portugueses.-----

Abril não se fez para que o Povo continuasse sofrendo atropelos nos seus direitos, mas para que todos tivessem vidas dignas e valorizadas.-----

Continuaremos a bater-nos por um País que possa acolher os seus filhos e não vê-los partir em busca de outras paragens, à procura do que aqui lhes é negado.----

Nesta confiança de um Futuro melhor para todos, proclamamos:-----

VIVA O 25 DE ABRIL!-----

VIVAM A LIBERDADE E A JUSTIÇA!-----

VIVA PORTUGAL LIVRE E INDEPENDENTE!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Ana Laborda Oliveira.-----

ANA LABORDA OLIVEIRA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ilustre Convidado, Dr. Joaquim de Sousa, Digníssimo representante da Associação do 25 de Abril, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhoras e Senhores Vereadores, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Senhoras e Senhores Jornalistas, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Começo por dizer que sou uma cidadã nascida após o 25 de Abril de 1974, não senti a ditadura, nem a revolução de Abril, nem o PREC, nem o 25 de Novembro que marcou o início do nosso atual regime, mas procuro na integração destes quatro elementos fazer uma ideia justa e valorizada destes momentos, que hoje comemoramos, e dos valores que representam para todos nós.-----

O movimento armado e libertador do 25 de Abril de 1974 teve em si duas finalidades, o facto de pôr fim ao conflito armado nas colónias e a sua consequente independência, assim como a democratização do nosso país.-----

Sobre a descolonização, havia a intenção de colocar estes territórios no quadro da libertação dos povos africanos, pois nós fomos os últimos a tomar essa iniciativa. A França, a Inglaterra e a Bélgica já tinham seguido esses passos, uns por perdas militares e outros por negociações.-----



No que se refere à democratização do nosso território, a data que hoje comemoramos, de imediato libertou os presos políticos, abriu portas ao pluripartidarismo, e foram reconhecidos os direitos cívicos e sociais há tanto ansiados e, mais do que tudo, introduziu a liberdade de expressão, sem medos, colocando Portugal no mundo das nações do qual tinha sido afastado.-----
Ora, abrindo o País a todo este leque de expressão Político-social existiu o confronto de ideias, muitas vezes expresso em atitudes, pois existiu a perda do poder dos que serviram, de algum modo, o regime anterior, os que protagonizavam as políticas de democracia de base e os verdadeiros democratas que utilizavam as ideias e a palavra como luta sociopolítica.-----
Inicialmente, os ressentidos da perda do poder tentaram prevalecer e mais tarde vieram os arautos do imperialismo que pretendiam apoderar-se do país tentando impor outra forma de ditadura, período denominado de PREC, mas os verdadeiros democratas saíram à rua e com a palavra e a razão contestaram esse movimento e implantaram no 25 de Novembro de 1975, a verdadeira democracia, da qual saiu a Constituição que hoje nos governa.-----
A Constituição veio finalmente colocar os valores democráticos basilares, como a IGUALDADE, LIBERDADE e FRATERNIDADE, na ordem do dia, esses valores universais que foram uma herança histórica da revolução francesa. Estes valores começaram a ser sentidos com as reformas resultantes das leis constitucionais relativas à educação, saúde e segurança social, a partir das quais ganhamos uma real noção de igualdade de direitos e oportunidades para todos.-----
Assim se começou a ver os filhos dos mais desfavorecidos a frequentarem o ensino secundário e superior, a par dos mais beneficiados, assim como a assistência médica passou a ser para todos, sem distinção, com direito a médicos e hospitalização.-----
No campo da segurança social também existiram reformas que davam auxílio aos socialmente mais desprotegidos, tais como as pessoas portadoras de deficiência, idosos e crianças, desde então sem qualquer discriminação.-----
Politicamente, os cidadãos com mais de 18 anos, independentemente do sexo e do grau de escolaridade passaram a ter o direito ao voto, participando assim na eleição do parlamento e por consequência do Governo, Presidente da República e Poder Local, dando assim a responsabilidade ao povo das suas decisões. Dada a criação de vários partidos políticos, dos mais diversos quadrantes, o povo passou a ter o poder de eleger os seus responsáveis políticos dentro de um



pluralismo político partidário.-----
Tudo o que tenho vindo a descrever foram direitos alcançados com muita dificuldade, estando ainda em curso uma luta para que esses direitos sejam os mais justos possíveis, pois a IGUALDADE, a LIBERDADE e a FRATERNIDADE só se conseguem com o confronto positivo de ideias e a estabilidade económica, sendo este último indicativo o que apresenta mais dificuldades ao aprofundamento das normas indicativas da nossa constituição.-----
Muitos dos direitos conquistados e que se encontram plasmados na nossa Constituição têm vindo a regredir, devido à conjuntura económica que passámos e que ainda estamos a passar.-----
O 25 de Abril veio, através da Constituição de 1976, dar corpo ao regime democrático conquistado pela revolução dos cravos.-----
Este ano, em que a Constituição celebra 40 anos, o dia de hoje ganha ainda mais importância.-----
Citando Joaquim Sustelo, In Revolução de Abril, num dos seus poemas relativos à Revolução de Abril:-----
«Quem soube ver o antes e o depois-----
Verá sempre na data um talismã-----
Hão de vir nuvens, chuvas, luas, sóis,-----
Que nunca esquecerá essa manhã»-----
Termino reforçando que é nosso dever não fazermos esquecer a história, pelo contrário, temos de pensar no passado para vivermos um presente e criar um futuro mais solidário, mais equilibrado, um futuro melhor.-----
Este é o nosso desafio!-----
Não basta uma vez por ano falarmos em sessões solenes. Temos de trabalhar diariamente para um futuro melhor, onde não nos podemos esquecer do direito à «esperança» e do direito à «liberdade» conquistados na Revolução de 25 de Abril de 1974.-----
Este é o nosso maior desafio!-----
Já passaram 42 anos e muitos mais irão passar, e tal como eu, mais serão os portugueses que, felizmente, não viveram num país onde a censura e o medo eram as palavras de ordem. Mas, aos que presenciaram, aos que sentiram, aos que lutaram, aumenta-nos a responsabilidade de construir um país mais justo.-----
Temos que dar o melhor de nós!-----
Este é o nosso dever, este é o nosso maior desafio!-----



Por fim, usando mais uma vez as palavras do escritor Joaquim Sustelo:-----
«Eu pus um sonho a voar-----
Nas asas duma gaivota...-----
Um sonho de liberdade-----
De paz, amor e carinho;-----
Num impulso sobre o mar-----
Ela tomou sua rota-----
Cheia de força e vontade-----
De vencer todo o caminho.»-----
Viva o 25 de Abril!-----
Viva a liberdade!-----
Viva a Figueira da Foz!-----
Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Mário Menezes Paiva.-----

MÁRIO MENEZES PAIVA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exm.º Representante da Associação do 25 de Abril, Exm.º Orador Convidado, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Senhores Presidentes de Junta, Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Exm.ºs Representantes da Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Pertenço a uma geração que nasceu, cresceu e amadureceu cívica e politicamente já depois de 1974. Não conheci a guerra colonial, não sofri os efeitos da censura, nunca vivi rodeado pelo medo.-----

Não posso dizer, como já ouvi tantas vezes, que o 25 de Abril de 1974 tenha sido o dia mais feliz da minha existência. Mas tenho plena consciência que foi a ocorrência desse dia que tornou possível tantos dias felizes na minha vida.-----

Vivo o 25 de Abril pela memória dos outros, mas com tanto respeito quanto nos merece aquele que temos pela Democracia e pelo legado daqueles que muito contribuíram para o seu engrandecimento.-----

Há 40 anos atrás era impossível estarmos reunidos tal como hoje aqui estamos, com as nossas diferenças, mas com o respeito mútuo por essas mesmas diferenças.-

Há 40 anos atrás tínhamos um regime ditatorial, os poderes concentrados num só homem, o voto reduzido a uma farsa, a justiça cometida a uma comédia, a segurança traduzida em terror, a informação a preto e branco ... e azul ..., o cidadão analfabeto e mendicante, enfim, um Portugal feudalizado, belicista e



solitário.-----
Mas é importante esta memória do mal para servir de negativo à memória do bem. Sobretudo se pensarmos que, nos nossos dias, a Europa tem pela frente a hercúlea tarefa de não se deixar contaminar pela fácil tentação de se auto censurar, na necessidade que sente de se defender.-----
Muito se fala da qualidade da nossa jovem democracia. É verdade. Ela é jovem e tem muito por onde melhorar.-----
Melhorar a sua qualidade passa por proporcionar às pessoas condições de vida condignas, passa por dar às crianças e aos jovens perspectivas de futuro no seu país, passa por estar atento aos problemas dos mais idosos, passa por garantir uma justiça social, passa por termos um sistema judicial cuja credibilidade é essencial a um estado de direito, passa por termos um sistema de segurança em que as nossas polícias tenham condições para assegurar a segurança de todos nós. Acontecimentos recentes, no entanto, fazem-nos parar e questionar se a Democracia não vem de um mundo e de um tempo que parece estar a fugir-nos.-----
Portugal lutou pela democracia e conseguiu plantá-la em 1974. E hoje, quando é época do seu amadurecimento, começamos a debater-nos com um novo paradigma. Novo, infeliz e muito contraditório.-----
A queda das torres gémeas em Nova York, os ataques às estações de metro de Madrid e Londres, o Jornal Charlie Hebdo e o Bataclan em Paris, e agora o aeroporto de Bruxelas, a que se juntam todas as ameaças de que já aguardamos concretização, além da brutalidade que os atos têm em comum, elevaram à potência máxima a tensão entre segurança e liberdade.-----
É dentro desse fenómeno que está inserido o terrorismo enquanto forma de crime político ou religioso que transforma o modo como os Estados, na busca de respostas rápidas e eficientes, têm vivido a sua Liberdade e Democracia.-----
A verdade é que, na guerra antiterrorista, os Estados têm tendência a tomar como primeira opção, soluções bélicas ou não, mas que se manifestam sempre em restrições de direitos fundamentais. Na busca de eficiência no combate ao terror, rompem-se os limites ético-jurídicos e admitem-se retrocessos civilizacionais.-----
É difícil fugir da tentação de uma política legislativa utilitarista e de emergência, que tem recebido apoio no imaginário social, sobretudo quando a coletividade é motivada pelo medo de novos ataques.-----
A questão não é simples, porque o terror fanático, além de ser violento, é



omnipresente. Só que as democracias modernas não estão autorizadas, pelos seus princípios estruturantes, a viver em permanente estado de emergência.-----
Em Paris, alguns partidos de extrema direita apregoaram o encerramento das fronteiras, a tortura e o regresso da pena de morte.-----
Limitar direitos e estigmatizar pessoas não é solução. Nós, portugueses, bem sabemos isso já que, na verdade, é realmente jovem a nossa vida em Liberdade. Sabemos bem o quanto isso produz danos irreparáveis à democracia.-----
Havemos de ser capazes de tratar as loucuras do mundo com leis penais.-----
Havemos de saber como, na busca pela cura, podemos compatibilizar um remédio que seja mais do que um placebo, sem usar uma dose tal que mate o paciente.-----
Naturalmente que com atos terroristas não pode haver complacência, e sabemos que negociação é um termo que não faz parte da equação.-----
Naturalmente que a reação dos defensores da democracia e da liberdade deve ser enérgica e veemente.-----
E o terrorismo nada mais é que uma censura, a surpresa de uma violência extrema de quase impraticável possibilidade de prevenção eficaz.-----
Disse atrás que nunca vivi rodeado pelo medo. Nunca vivi, e não quero viver! Por isso me recuso a aceitar que a Segurança só possa ser alcançada com a restrição da divergência de ideias e do direito de expressar opiniões.-----
Isto significaria curar a censura com a censura e conduziria à supressão do Estado Democrático.-----
O jogo está a decorrer. Sabe-se qual é a logística e como as peças se costumam movimentar, mas o jogo não tem fim à vista e não há vencedores.-----
Nós, estamos do lado daqueles que defendem a liberdade de expressão, o império das leis, o caminho para uma plena e responsável democracia, ou seja, as principais conquistas institucionais que vêm sendo alcançadas pelo Ocidente.----
Terrorismo é indubitavelmente o mal do século! Não tem uma cara definida, ou quando tem, mistura-se entre milhões, com o propósito de confundir.-----
As democracias de hoje possuem a tarefa de se manterem incansáveis, viris combatentes das intolerâncias internas e externas, para garantir a incolumidade da liberdade de expressão responsável.-----
Qualquer espécie de censura ilegítima ou desproporcional deve ser enfrentada com máximo rigor para que nos possamos manter pluralistas, democráticos e na eterna busca pela paz.-----
Voltando a Portugal, tomo emprestadas as palavras de Salgado Zenha «O contrário



da tirania não é a anarquia, mas a liberdade».-----

Viva a Liberdade!-----

Viva o 25 de Abril!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Senhor Dr. Joaquim de Sousa, Senhor Coronel Cachulo e Costa, representante da Associação 25 de Abril, Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Senhores Presidentes de Junta, Senhores Secretários da Mesa da Assembleia Municipal, elementos da Filarmónica, do Coro das Pequenas Vozes da Figueira da Foz e também do Coral David de Sousa, Senhores Jornalistas, minhas Senhoras e meus Senhores.-----

Ano após ano, nesta data, encontramos-nos e vivemos conjuntamente este ritual que se institucionalizou.-----

Celebramos, aqueles que há 42 anos tinham já consciência de si e livres queriam habitar a substância do tempo, como referiu a poetisa Sophia nessa mesma data.--

Celebramos também, todos, os muitos D's que o 25 de Abril nos trouxe, os direitos cívicos e políticos, a perspetiva de um país do primeiro mundo cuja matriz europeia avançada não se limitasse à dimensão geográfica.-----

Celebramos, enfim, o fim do país que vivia «habitualmente» e introduzimos a palavra «esperança» no nosso vocabulário político. Mais tarde, a 25 de Novembro de 1975, reafirmamos o desejo de uma democracia plena tomando como rumo a adesão às Comunidades Europeias. Concretiza-se assim a ideia Portugal do «pelotão da frente», democrático, justo e eficiente e instala-se a crença, de recorte iluminista, de um progresso contínuo.-----

Vale a pena, olhar para o estado dessa «crença», olhar para os sinais que o mundo contemporâneo nos oferece e tentar compreender a natureza das dificuldades com que, coletivamente, nos deparamos.-----

Antes de continuar, impõem-se duas observações prévias que delimitam o âmbito das reflexões que convosco quero partilhar.-----

A primeira observação serve para dizer que é incontroverso que temos hoje um país muitíssimo melhor do que aquele que se viveu na primeira metade dos anos 70. Não compreender isso é, parece-me, falta de memória, no melhor dos casos ou, no pior, pura rejeição dos elementos de modernidade e conforto material de que hoje, maioritariamente, desfrutamos.-----

A segunda observação, de pendor algo filosófico, tem que ver com o carácter algo



paradoxal da crença a que fiz referência no «progresso contínuo». Por um lado, essa crença assenta numa ontologia de pendor otimista, que necessariamente incorpora a ideia da perfetibilidade da humanidade e do mundo, mas integra, em simultâneo, uma consciência da nossa finitude e das nossas limitações porque assegura que «os vindouros farão melhor do que nós».-----

Dito isto, entro nos três tópicos em que gostaria de centrar a minha intervenção. São três tópicos que decorrem de uma observação minimamente atenta do nosso mundo e das preocupações que ele inspira e que, de alguma forma, convocam a ideia de que há certas ameaças e dificuldades de natureza perene na gestão dos coletivos humanos. Não são, portanto, assuntos agradáveis mas talvez sirvam para que tornemos ainda premente a salvaguarda dos valores em que assentámos a nossa democracia e, mais genericamente, a nossa forma de viver.----

A primeira questão sobre a qual gostaria de deixar algumas considerações é sobre o efeito do fenómeno que geralmente conhecemos como «populismo».-----

A expressão «populismo» terá, por certo, uma multiplicidade de entendimentos mas uso-o aqui no sentido da propensão, por parte de alguns dirigentes políticos, para o uso de argumentos de forte impacto emocional ainda que pouco sensatos, para a utilização de uma linguagem pouco consentânea com a ponderação e rigor que se impõe ao Estado e seus agentes e para a condução dos negócios públicos em função de uma leitura muito imediatista e superficial do interesse geral.-----

Ora, a proliferação, um pouco por todo o lado, de figuras com o recorte que descrevi, é um elemento que mina os alicerces da democracia representativa e que afasta os cidadãos de um debate sério e construtivo em torno dos principais desígnios das políticas públicas.-----

Claro está que a vivência política terá, sempre, de ter algo de adesão emocional a uma corrente, um movimento, um partido ou a uma personalidade, mas o afastamento total da dimensão racional e analítica é, parece-me, a porta aberta à introdução de elementos de crisperação e intolerância que queremos ver afastados da vida pública. E vale a pena relembrar que a convivência pacífica entre opositores políticos nunca é um adquirido inteiramente garantido. Pelo contrário exige permanente reaprendizagem, atualização de forma e estilo e focagem na intransigente defesa do interesse público.-----

O segundo tema que quero focar, muito tributário do primeiro, é o do recuo, mesmo entre nós, das visões moderadas e conciliadoras sobre a natureza das questões que se colocam no espaço público.-----



A política é, por natureza, um espaço de discussão e de dissenso. A diversidade de concepções sobre as características de um coletivo humano bem ordenado é o fundamento primeiro dessa discussão.-----

Essa diversidade não deveria, todavia, prejudicar o entendimento em torno de um núcleo essencial de políticas públicas que constituíssem prioridades perenes da organização social, em que um vasto conjunto de cidadãos se pudesse rever. Aliás, a história da construção europeia assenta nessas mesmas bases sendo, por assim dizer, uma obra comum de partidos rivais.-----

Ora, a erosão, aos olhos de largos setores das sociedades europeias, das virtudes desse consenso central, não pode deixar de ser vista com grande preocupação. Recordo, a esse título, os sinais de xenofobia, intolerância religiosa e exacerbado protecionismo pondo em causa muitas das ideias liberais que estruturam a nossa forma de viver.-----

Não se ignora, claro está, o quanto o reforço do consenso central se prefigura complexo num contexto em que a Europa e mesmo Portugal são cada vez mais marcados pela pluralidade cultural e pelo espectro da compressão das liberdades públicas, em resultado direto de uma série trágica de acontecimentos.-----

Seja como for, e mesmo com tremendas dificuldades em presença, julgo que é vital que os dirigentes políticos não percam de vista essa necessidade essencial de manter os cidadãos unidos em torno de um programa comumente partilhado, que saiba equilibrar os elementos de liberdade individual, justiça distributiva, eficiência económica e preservação ambiental que têm vindo a marcar, ainda que com falhas, o nosso padrão de civilidade inquestionavelmente desejado pela revolução de 1974.-----

Por último, algumas palavras sobre a urgente necessidade de reforçar as nossas instituições e de incutir nos cidadãos a confiança nessas mesmas instituições.--

A qualidade da democracia mede-se muito pelos níveis de credibilidade de que as suas instituições políticas gozam junto dos cidadãos. Esse elemento de credibilidade é, aliás, fulcral no adequado funcionamento de uma democracia do tipo representativo como a nossa.-----

O reforço das instâncias de representação impõe aos dirigentes políticos uma gestão muito ponderada da tensão sempre existente entre as aspirações e interesses legítimos dos eleitores, os recursos disponíveis sempre escassos e a presença de elementos de equidade na prossecução dos fins públicos.-----

Ora, a meu ver, impõe-se emprestar uma visibilidade acrescida a essa ponderação



que, quotidianamente, os agentes políticos são obrigados a levar a cabo.-----
Julgo ser possível identificar, pelo menos, duas linhas orientadoras que podem
concorrer para reforçar as instituições, permitindo aos cidadãos olhar para a
gestão da coisa pública de forma mais identificada com as boas práticas.-----
A primeira dessas linhas consiste em dar maior divulgação à quantidade e
natureza dos recursos públicos, designadamente das receitas fiscais,
confrontando-as com os dispêndios realizados com a satisfação das necessidades
coletivas, permitindo-se assim, a todos, perceberem de forma mais clara as
escolhas difíceis que, em muitos casos, têm de ser feitas. Por esta via se afere
com transparência o rigor na gestão dos dinheiros públicos.-----
A segunda dessas linhas remete para a colocação dos cidadãos no próprio papel
dos decisores públicos, através de mecanismos de democracia participativa, de
que o orçamento participativo é exemplo, e no seu envolvimento ativo nos fóruns
de auscultação. Com a audição dos cidadãos maior será a proximidade ao desígnio
de boas políticas e maior será a coesão social.-----
Caros concidadãos,-----
Procurei enunciar, a traço grosso, algumas das maiores dificuldades e dos
desafios que a democracia hoje enfrenta. Dificuldades que se colocam a todas as
escalas geográficas - do local ao mundial. É certo que, não estamos
completamente fora dos objetivos de uma democracia plena. Preservamos ainda o
núcleo central dos direitos, liberdades e garantias que a revolução de 1974 nos
legou. Cumpre agora a cada um, na medida das suas possibilidades, dar o melhor
de si próprio na contínua edificação de um país mais rico, mais livre e mais
justo. Quanto maior for a discricção esclarecida das lideranças e maior a
participação esclarecida dos cidadãos, maior será o bom entendimento entre ambos
na busca das melhores soluções.-----
Essa é a grande lição que nos deixaram todos aqueles que se envolveram no 25 de
Abril e de todos que em continuidade aprofundaram os seus objetivos.-----
A de redobrar esforços perante as dificuldades.-----
Com plena consciência de que a democracia é sempre uma tarefa inacabada, do
relativismo da nossa participação e dos sistemas de governação que construímos,
vale a pena refletir na busca do seu melhoramento. E se não puder ser todos os
dias pelo menos que seja necessariamente nesta data.-----
Viva o 25 de Abril!-----
Viva a Figueira da Foz!-----



Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Renovo as saudações iniciais a todos os concidadãos presentes.-----

Comemorar o dia 25 de Abril é partilhar a preservação de uma memória coletiva, enquanto intervenientes políticos deste regime democrático.-----

Cuidar da democracia é uma tarefa que a todos incumbe, pelo que é urgente saber ultrapassar os constrangimentos visíveis, tendo em atenção:-----

- A separação de poderes entre o legislativo e o executivo e o judicial e as condições para um exercício efetivo desses poderes.-----

- A corrupção e o tráfico de influências, nomeadamente, a captura do poder político, administrativo ou judicial pelo poder económico privado.-----

- A incapacidade das democracias em terem um bom desempenho económico e social, originando a instauração de regimes autoritários com a consequente supressão das liberdades.-----

Vivemos, pois, mergulhados em inúmeras perplexidades, perante o risco de exaustão dos modelos clássicos de organização, económica e política. Os cidadãos afastam-se e desinteressam-se do debate público e até da participação cívica. Os sistemas de democracia representativa revelam fragilidades, quando ainda há poucos anos, pareciam fortes e irreversíveis. A política pode tornar-se, perante o comum dos cidadãos, uma atividade suspeita, sinónimo de oportunismo, clientelismo e de corrupção, quando antes era fonte de respeito e de prestígio.-

Não será pois, despropositado, recordar aos mais jovens sempre que possível, que o 25 de Abril de 1974 ocorreu por razões que emanavam do anterior regime. Éramos um país em guerra, um país sem liberdades, com elevada pobreza e grandes desequilíbrios na distribuição da riqueza. A tudo isto acrescia a falta de serviços de saúde, de educação e de justiça, a que se juntaria um crescente desemprego que viria a originar, o recurso à emigração.-----

Com o 25 de Abril recuperámos a Liberdade, e a Democracia Institucionalizou-se, pelo que vimos nascer entre outros:-----

- O Serviço Nacional de Saúde-----

- O Poder Local-----

- A Liberdade de Expressão-----

- Os Direitos Laborais-----

- O Direito à Justiça-----

Curiosamente ou talvez não, estas são conquistas, que passados alguns anos,



ainda são contestadas por alguns, vá-se lá saber porquê.-----
Num contexto de Estado Social não pode haver uma moeda de troca para tudo. Não se pode trocar a Dignidade Humana pelo cumprimento de limites Macroeconómicos definidos pelo Fundo Monetário Internacional ou Banco Central Europeu.-----
O Défice Orçamental e a Dívida Soberana, são agora o pretexto para nos imporem mais austeridade e baixos custos de trabalho, com o argumento de que assim seríamos mais competitivos. Com amigos destes que nos mandam empobrecer trabalhando, já podemos prescindir dos inimigos.-----
A Vida Humana e a Dignidade Social de um povo não têm preço, pelo que não é justo que Entidades Europeias sugiram não só tributações de pensões e ou para baixar custos do trabalho, mandem reduzir salários.-----
Portugal é hoje, segundo fontes do Eurostat um dos países onde mais se onera o custo do trabalho, em comparação com o capital. Um país onde o custo médio do trabalho é não só o quarto mais baixo da zona euro, abaixo de metade da União Europeia, mas, também, o terceiro país com mais desemprego e maior carga fiscal. O limite da carga fiscal há muito que foi ultrapassado, pelo que não será por essa via que a receita fiscal pode aumentar.-----
Conforta-nos saber, embora não nos tranquilize, que o Governo Português permanece disposto a honrar os compromissos orçamentais, assumidos no quadro da zona euro, contudo, pretende cumpri-los sim, mas através de uma política orçamental diferente, e que um maior estímulo ao consumo das famílias, permitirá uma melhor conciliação do rigor orçamental com a justiça social e o crescimento económico.-----
A desumanização na política traduziu-se numa insensibilidade social e num quase desprezo pela dignidade humana. Vemos hoje profissionais com competência acima da média e com muitos anos de experiência, a trocarem o incerto por ordenados de 600 e 700 euros a recibos verdes. A geração à rasca já não é só uma geração. É um país inteiro de incerteza, com 828 mil contratos a prazo ou contratos de prestação de serviços a que se juntam mais 363 mil desempregados sem subsídio de desemprego.-----
Os trabalhadores valem mais do que a precariedade dos recibos verdes e dos salários de miséria, mas, mais ainda do que muitos gestores que nos trouxeram até aqui.-----
Apetece citar Miguel Torga «A poder e a valer, nem sempre temos a consciência do que podemos e valem.»-----



O desemprego não é um valor meramente estatístico, é composto por pessoas, tem família, gente que tem deveres, mas, que também tem direitos, como o direito à Saúde, à Justiça e à Solidariedade Social.-----

Não vai longe o tempo, em que nos diziam, que Portugal estava mal porque os portugueses haviam vivido acima das suas possibilidades. Era necessário apertar o cinto. Esta mentira repetida à exaustão, fez-nos acreditar que era verdade, mas pelos Papéis do Panamá e outros, que hão de vir à luz do dia, sabemos hoje, que foram a Banca, os Banqueiros e o Capitalismo Selvagem que aplicaram em offshore, os Créditos que lhes haviam sido confiados para incentivo à Economia do País, gerando riqueza e criação de emprego.-----

Ao mundo dos offshores só acedem os mais ricos. Para os outros, os que trabalham e ganham ordenado mínimo ou médio, fica o peso de uma administração tributária implacável, e a responsabilidade de com os seus impostos e as suas poupanças, financiar os estados e a banca. Com os Nossos Impostos e as Nossas Poupanças, continuamos a recapitalizar os Bancos que os Banqueiros saquearam e a construir os Hospitais e os Centros de Saúde que esta gente sem escrúpulos e sem Pagar Impostos, pode usufruir sempre que queira, em igualdade de direitos com os demais contribuintes.-----

A humanidade e o humanismo, prescindem dos Offshores Selvagens, do terrorismo do Estado Islâmico, ou do Drama Migratório onde todos os dias morrem homens, mulheres e crianças, que fogem duma guerra que não é deles e que uma União Europeia, Insensível e Desumanizada, tudo permite, sendo forte com os fracos e fraca com os fortes. Embora não o sendo, esta União Europeia faz-nos +parecer algumas vezes, uma Instituição de Agiotagem Internacional.-----

Termino, suavizando a minha intervenção, propondo a todos os presentes, nesta sessão solene, uma singela homenagem, «uma salva de palmas a todos os servidores do Poder Local». No fundo uma Conquista de Abril - (Presidentes de Câmara, Vereadores, Presidentes de Junta e respetivos executivos) que desde o 25 de Abril de 1974 até hoje serviram Portugal e os Portugueses, com honra e dedicação, fazendo muitas vezes muito, com poucos recursos. Bem hajam.-----

Viva Portugal!-----
Viva o 25 de Abril!"-----

Seguiu-se a atuação do Coro das Pequenas Vozes da Figueira da Foz que interpretou o tema «A Cantiga é uma Arma», de José Mário Branco, sob a direção da Maestrina Alexandra Curado, e outra do Coral David de Sousa, interpretando um



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2016

tema alusivo ao evento, sob a direção do Maestro Vitor Ferreira, após o que a Filarmónica da Sociedade Boa União Alhadense interpretou o tema «Grândola Vila Morena», de Zeca Afonso, e o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas e trinta minutos, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----